

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO POVOADO DA CHÃ DO CASTRO, AMARES, BRAGA.

JORGE, Susana Oliveira

Ano: 1979 | Número: 89

Como citar este documento:

JORGE, Susana Oliveira, Escavações arqueológicas no povoado da Chã do Castro, Amares, Braga. *Revista de Guimarães*, 89 Jan.-Dez. 1979, p. 281-292.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Escavações arqueológicas no povoado da Chã do Castro (Amares, Braga) (*)

Por SUSANA OLIVEIRA JORGE
(Assistente da Faculdade de Letras do Porto;
bolsreira do INIC)

0. Introdução

Em Agosto de 1979 foi realizada uma segunda campanha de escavações arqueológicas na estação da Chã do Castro (Amares), que procurou dar seguimento aos trabalhos iniciados no ano anterior (1), com vista à obtenção de dados estratigráficos que possibilitassem o conhecimento das diversas ocupações pré e proto-históricas no local (2).

Aqui damos conta das principais conclusões que um estudo preliminar pode oferecer, o qual não esgota, obviamente, todas as possibilidades de análise que os múltiplos dados fornecidos pela escavação suscitam, no âmbito de uma investigação global que se encontra em curso.

A Chã do Castro pertence à freguesia da Portela, concelho de Amares, distrito de Braga.

Coordenadas geodésicas de um ponto central:

41 38' 51" Lat. N.

0 45' 47" Long. E. Lx.

(segundo a «Carta Militar de Portugal» na escala de 1/25.000, folha 56-Amares).

(*) Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia. Faro, Maio de 1980.

(1) V. Susana Oliveira Jorge e José João Rigaud de Sousa, *Resultados preliminares de uma sondagem na estação arqueológica da Chã do Castro (Amares, Braga)*, «Actas do Seminário de Arqueologia do NW Peninsular», Sociedade Martins Sarmento, Junho de 1979.

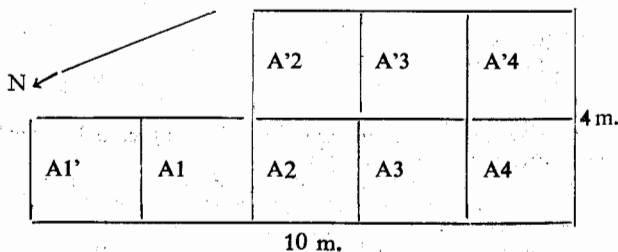
(2) Esta campanha foi subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura e apoiada pela Câmara de Amares, a qual forneceu diversas estruturas de apoio. A Câmara Municipal de Amares, na pessoa do seu Presidente, queremos expressar o nosso mais vivo reconhecimento.

A estação encontra-se rodeada por duas elevações de altitude inferior (a das Lajes, de 291 m., a oeste, e outra, de 268 m., a SE), as quais, conjuntamente com a Chã do Castro, constituem um prolongamento para sudoeste duma crista montanhosa que tem, como pontos mais altos próximos, S. Pedro Fins (561 m.) e Santa Cruz (571 m.). Toda esta região se encontra encaixada entre os rios Cávado e Homem, estabelecendo a transição entre o litoral e o interior (*v.* Fig. 1).

1. Escavações de 1979

Em 1979 foram escavadas duas áreas (*v.* Fig. 2): uma (Sector II), no planalto, na base de um dos dois outeiros aí existentes (de cota máxima de 308 m.), com as dimensões de 5 m. \times 4 m., a qual revelou a existência de possíveis estruturas escavadas na rocha granítica alterada, cujo significado não é possível, de momento, determinar; outra (Sector I), na zona onde em 1978 se tinha praticado uma sondagem, no bordo NNE do planalto, com uma direcção perpendicular a um dos «aterros» aí existentes.

Este estudo visa exclusivamente a apresentação dos resultados preliminares decorrentes da escavação do Sector I, numa área que abrange parte da vala de sondagem de 1978 (10 m. \times 2 m.), na qual se prosseguiu no sentido da profundidade, e uma superfície contígua (2 m. \times 6 m.)⁽³⁾:



⁽³⁾ Correspondência da nova nomenclatura dos quadrados relativamente à utilizada no trabalho citado em (1): A1' — Q1'; A1 — Q1; A2 — Q2; A3 — Q3; A4 — Q4.

Resultados desta escavação:

A área dos trabalhos pode dividir-se em duas zonas, genericamente separadas por um «muro» (já em parte descoberto em 1978), o qual se distribui pelos quadrados A'3, A'4, A3 e A4, no sentido WNW-ESE. Na área adentro do muro (ou seja, na direcção do planalto), foi atingida a rocha de base, a cerca de 184 cm da superfície do solo naquela zona. Na área exterior ao «muro», não foi possível ainda ultrapassar uma espessa camada de pedras e terra saibrosa, que aparece a diferentes cotas nos quadrados A'2, A'3, A1 e A2 (v. figs. 3 e 4).

Área intra-«muro» (Fig. 3, A'4 e A4; Fig. 4, A4)

Verifica-se a existência de uma espessa camada arqueológica remexida, que varia gradualmente de cor e de textura à medida que se atinge maior profundidade. É possível distinguir nela, três sub-camadas:

- camada superficial, muito humosa, acastanhada (cerca de 43 cm em média, de espessura), com grande abundância de fragmentos de *tegulae* e cerâmica micácea, a par de cerâmica de «tipo Penha» e material de pedra lascada. Esta sub-camada sobrepõe-se ao «muro»;
- camada intermédia, castanho-acinzentada (cerca de 40 cm em média, de espessura), com grande percentagem de cerâmica de «tipo Penha», material de pedra lascada e, em menor quantidade, cerâmica micácea e fragmentos de *tegulae*; a base desta sub-camada vai encontrar o «muro» na sua parte média;
- camada inferior, castanho-escura, compacta, (cerca de 33 cm em média, de espessura), com pequena percentagem de cerâmica de «tipo Penha», cerâmica micácea e material de pedra lascada.

A cerca de 130 cm de profundidade atinge-se a rocha de base. A base do «muro» insere-se na 3.^a camada, e assenta sobre os últimos 20 cm. desta.

O «muro» apresenta-se no A'4 com características um pouco diferentes das que foram detectadas no A4, em 1978: sobre as lajes de forma regular da base, encontram-se disseminadas pedras de pequeno tamanho, sumariamente afeiçoadas, correspondendo a uma intensa destruição da parte superior da estrutura (v. Fig. 5). Verifica-se igualmente uma leve mudança de direcção do «muro», na junção do A4 com o A'4, no sentido E-ESE (v. Fig. 3).

Um breve estudo estatístico relativo ao material arqueológico descoberto no A'4, em função de camadas arbitradas de 10 cm. (procedimento que se justifica dado o profundo remeximento do local) (Fig. 6), dá-nos as seguintes informações:

- maior densidade de fragmentos de *tegulae* à profundidade de 10-20 cm. (1.^a sub-camada), desaparecendo a partir de 60 cm. de profundidade;
- maior densidade de cerâmica micácea à prof. de 30-40 cm. (1.^a sub-camada), mantendo-se, ainda que em menor quantidade, até à rocha de base;
- maior densidade de cerâmica de «tipo Penha» à prof. de 70-80 cm. (2.^a sub-camada), a qual se mantém até à rocha de base, assinalando-se um pequeno aumento a partir de 110-120 cm., no que contrasta com o progressivo desaparecimento da cerâmica micácea;
- maior densidade de material de pedra lascada a 40-50 cm. e a 70-80 cm. de profundidade (basicamente, 2.^a sub-camada), no que acompanha, *grosso modo*, as maiores incidências de cerâmica de «tipo Penha».

Em função destes dados, podemos chegar às seguintes conclusões prévias:

- a) A área adentro do «muro» revela profundos revolvimentos, não só comprovados pela mistura de material de diferentes épocas, como pela manutenção da mesma proporção genérica das cerâ-

micas de «tipo Penha» e micácea nos diferentes níveis;

- b) Contudo, verifica-se que os grandes grupos de cerâmica se distribuem estatisticamente por profundidades sucessivas: *tegulae* (10-20 cm.), cerâmica micácea (30-40 cm.), cerâmica de «tipo Penha» (70-80 cm.).

Área extra-«muro» (Fig. 3, A'3 e A3; A'2 e A2; A1 e A1'; Fig. 4, A3, A2, A1 e A1')

Nesta área, e relativamente à estratigrafia, podemos distinguir duas sub-áreas: uma 1.^a, no A3, onde se verificam genericamente as mesmas sub-camadas detectadas intra-muro, delimitadas, no lado ESE, por pedras sumariamente afeiçoadas e amontoadas regularmente entre o A2 e o A3 (Fig. 4); a 2.^a, nos restantes quadrados existentes extra-muro, constituída por uma espessa camada de terra castanha igual, em cor e textura, à 1.^a sub-camada da área intra-muro, na qual se intercalam vátios estratos de terra saibrosa e pedras de tamanho médio, com uma inclinação inversa à da encosta. Contudo, como se verá, a referida camada, contém materiais arqueológicos em diferentes proporções das que ocorrem na área intra-muro.

Os estratos saibrosos forneceram cerca de 30% do material arqueológico, basicamente idêntico, nos grupos que o compõem, aos restantes 70%: fragmentos de *tegulae* à superfície, cerâmica de «tipo Penha» e material de pedra lascada. A cerâmica micácea é extremamente rara.

Uma análise estatística relativa ao material arqueológico descoberto no A'3, em função de camadas arbitradas de 10 cm (articuladas com os estratos mencionados) dá-nos as seguintes informações:

- maior densidade de fragmentos de *tegulae* à profundidade de 10-20 cm. (topo da camada castanha), desaparecendo a partir de 40 cm.;
- maior densidade de cerâmica micácea, à prof. de 20-30 cm. (camada castanha), desaparecendo praticamente a partir de 40-50 cm.;

- maior densidade de cerâmica de «tipo Penha» à prof. de 30-40 cm. (camada castanha e intercalações saibrosas), a qual se mantém até à profundidade máxima atingida neste quadrado (80 cm);
- maior densidade de material de pedra lascada à profundidade de 30-40 cm. (camada castanha e intercalações saibrosas), acompanhando, *grosso modo*, as maiores incidências de cerâmica de «tipo Penha».

Daqui resultam algumas conclusões prévias:

- a) A área exterior ao «muro», imediatamente contígua, no A'3, ainda revela remeximentos, até à profundidade de 40-50 cm, comprovados pela existência de material não homogéneo quanto à sua provável cronologia, o que se atenua na encosta (A'2, A2, A1, A1');;
- b) Contudo, as maiores densidades de cerâmica micácea e de cerâmica de «tipo Penha» não coincidem nos mesmos níveis, distribuindo-se com muita nitidez de acordo com a profundidade: maior quantidade de *tegulae* entre 10 e 20 cm., de cerâmica micácea entre 20 e 30 cm., e de cerâmica de «tipo Penha» entre 30 e 40 cm.;
- c) Verifica-se que as maiores quantidades de material de pedra lascada e de cerâmica do «tipo Penha» coincidem nos mesmos níveis, com exclusão de cerâmica micácea e de *tegulae*.

O mesmo tipo de análise estatística, realizada no A3 e no A'2, deu-nos genericamente o mesmo tipo de informações, variando apenas a quantidade de cerâmica micácea, praticamente nula no A'2. Aliás, confirma-se a quase inexistência deste tipo de cerâmica na encosta, quer no estrato de terra castanha, quer nos de terra saibrosa.

2. *Análise do material*

2.1 *Material cerâmico* ⁽⁴⁾

Um total de 3.044 fragmentos, provenientes de apenas 4 dos quadrados escavados ⁽⁵⁾, distribui-se do seguinte modo:

Quadrados	<i>tegulae</i>	e. micéacea	e. Penha	TOTAL
A3	135	34	983	1154
A'3	130	189	705	1024
A'4	119	23	402	544
A'2	5	4	315	324
TOTAL	389	250	2405	3044

A cerâmica com desengordurante micáceo (8%), pode dividir-se em dois grupos quanto à pasta: cerâmica de superfícies rugosas; cerâmica de superfícies alisadas com engobe cinzento-escuro. Forma única: «taças»

⁽⁴⁾ Agradece-se a Maria de Jesus Sanches a colaboração prestada no desenho do material cerâmico.

⁽⁵⁾ Nos restantes quadrados, os fragmentos cerâmicos encontrados distribuem-se do seguinte modo:

Quadrado	<i>Tegulae</i>	Cerâm. Micéacea	Cerâm. Penha	Total
A1'	—	—	92	92
A1	—	—	14	14
A2	3	—	58	61
Total	3	—	164	167

com bordo extrovertido espessado exteriormente (Fig. 8, n.ºs 3, 6). Ocorreu um pequeno fragmento (adentro do grupo de cerâmicas com superfícies rugosas) decorado com impressões de círculos concêntricos e SS.

A cerâmica de «tipo Penha» (79%), de pasta com desengordurante constituído por grãos de quartzo de grande ou médio calibre, superfícies alisadas ou polidas de cor variada, e manchas negras nas superfícies exterior e interior, apresenta vasos predominantemente hemisféricos, de fundo redondo, com leve estrangulamento no colo e bordo de extremidade arredondada além de «taças» (respectivamente, Fig. 7, n.ºs 1 e 2). Verificam-se também fundos planos, com leve depressão na periferia, e estrangulamento no arranque do corpo do vaso (Fig. 7, n.ºs 3, 4; Fig. 8, n.º 2). Predomina a decoração incisa rectilínea, metopada (Fig. 7, n.º 5; Fig. 8, n.º 4); também ocorre decoração incisa rectilínea, em bandas horizontais e, mais raramente, decoração incisa curvilínea ou puncionada. No caso da cerâmica incisa curvilínea, temos a assinalar um fragmento isolado decorado com um círculo radiado, de superfícies muito corroídas (Fig. 8, n.º 1).

A análise tipológica exaustiva do material cerâmico (e lítico), proveniente das escavações de 1978 e 1979, encontra-se a ser realizada com vista à sua publicação ulterior em estudo separado.

2.2 Material lítico

Proveniente dos mesmos quadrados considerados para a cerâmica (6), temos um total de 200 artefactos, divididos do seguinte modo:

Quadrados	as cas Residuais	Raspadores	Raspadeiras	Denticulados	Furadores	Pesos de rede	Frag. lâminas Retocadas	Núcleo	Frag. objecto Pedra polida	El. Móvel Molho Manual	Selxo Afeçoado	Total
A 3	47	12	8	1	2	1	1	—	1	—	—	73
A'3	40	7	3	3	—	—	1	1	—	—	—	56
A'4	28	2	4	2	1	1	—	—	—	1	1	39
A'2	19	4	3	6	—	—	—	—	—	—	—	32
Total	134	25	18	12	3	2	2	1	1	1	1	200

As percentagens globais dos vários grupos de artefactos, são:

- lascas residuais — 67%
- raspadores — 12,5%

(6) Nos restantes quadrados, os artefactos líticos encontrados foram os seguintes:

Quadrado	Lascas Resid.	Raspa- delras	Denti- culados	Total
A1'	—	2	—	2
A1	—	—	—	—
A2	7	—	1	8
Total	7	2	1	10

- raspadeiras — 9%
- denticulados — 6%
- furadores — 1,5%
- pesos de rede — 1%
- fragmentos de lâminas retocadas — 1%
- núcleo — 0,5%
- fragmento de objecto de pedra polida — 0,5%
- elemento móvel de moinho manual — 0,5%
- seixo afeiçãoado — 0,5%

As matérias-primas utilizadas nos objectos de pedra lascada são, por ordem decrescente de presenças, o quartzo, o sílex, e o quartzito. Esses objectos de pedra lascada — referimo-nos apenas, obviamente, aos instrumentos — foram obtidos a partir de lascas, à excepção de dois, feitos sobre lâmina (2 frag. de lâminas retocadas) (Fig. 9).

3. Considerações finais

3.1 O carácter muito limitado dos trabalhos arqueológicos até agora realizados na Chã do Castro (uma pequena área, na qual as escavações ainda não atingiram a rocha de base na zona extra-«muro») impede para já a resolução dos principais problemas de interpretação que se levantam, nomeadamente o da classificação funcional e cronológico-cultural do «muro» descrito e do «aterro» (estrutura de terra e pedras) que lhe fica junto. Esperando por escavações futuras de âmbito mais amplo, limitámo-nos aqui a sublinhar alguns factos agora observados.

Basicamente, e como dissemos de início, a escavação definiu claramente duas zonas, em função da diversidade da estratigrafia e do material arqueológico:

— A *zona intra-«muro»* apresenta-nos uma camada castanha de terra totalmente remexida, na qual se encontra inserido material arqueológico muito variado — material de construção de épocas relativamente recentes (*tegulae*) e material cerâmico de recipientes, possivelmente de diversas épocas, além de artefactos líticos;

— A *zona extra-«muro»* revelou-nos um «aterro» constituído por estratos alternados de terra castanha,

vegetal, e de terras mais ou menos saibrosas, nos quais se intercalam níveis de pedras. Nele ocorreu um material arqueológico de características mais homogêneas do que na zona intra-«muro». À exceção de fragmentos de *tegulae*, que se encontram à superfície, e desaparecem entre 30 e 40 cm., o que persiste é cerâmica do «tipo Penha» e artefactos líticos. Este material provém predominantemente dos estratos de terra castanha, incluídos na estrutura do «aterro».

3.2

1. Em função da estratigrafia observada e da análise tipológico-estatística do material arqueológico, é possível conceber a hipótese da contemporaneidade da estrutura do «aterro» e do muro; dado que a cerâmica micácea só aparece na *área adentro do muro* e das sub-camadas superiores do «aterro» (neste caso, juntamente com material de construção), pensamos poder relacionar cronologicamente, com algum grau de probabilidade, a referida cerâmica, a estrutura do «aterro» e o muro. É impossível referir com precisão a cronologia destes três elementos, mas é desde já viável situá-los, a título de hipótese, adentro da Proto-história do Noroeste Peninsular.

2. Se atendermos a que o «aterro» (possivelmente contemporâneo da cerâmica micácea e do muro), foi construído através da sobreposição alternada do saibro e terras húmusas remexidas, provavelmente provenientes do planalto, contendo materiais arqueológicos de época(s) anterior(es), é lícito pôr a hipótese da eventual relação cronológico-cultural da cerâmica do «tipo Penha» e do material lítico de pedra lascada, a partir da profundidade de 40-50 cm, altura a partir da qual os dois elementos permanecem isolados em associação estratigráfica, ainda que fora de qualquer contexto selado.

3. Ainda que se possa relacionar as estruturas detectadas, com épocas proto-históricas (o que deverá ser comprovado futuramente), a existência de cerâmica de «tipo Penha» no alto de uma elevação caracteriza-nos um «habitat» provido, pelo menos, de meios de defesa

naturais, o que nos chama a atenção para a variedade de tipos de povoados integráveis no grupo de estações com cerâmica de «tipo Penha» (povoados no alto de montes, com condições naturais de defesa — por ex., Penha, Guimarães, *Chã do Castro*, Caldelas, S. Lourenço, Chaves; povoado de encosta, com condições de defesa natural menos evidentes — Mairos, Chaves; povoado de planície litoral — Gandra, Esposende).

4. Esta variedade de tipos de «habitat», a par da já notada diversidade tipológica da cerâmica de «tipo Penha», em função das regiões em que surge, aponta-nos a necessidade de proceder a uma investigação orientada pelos seguintes objectivos:

- detecção de estratigrafias nos vários tipos de povoados que revelaram cerâmica de «tipo Penha», por forma a tentar obter, nas diversas zonas em que ocorre, uma perspectiva da evolução interna desse grupo cerâmico, e dos seus eventuais antecedentes e sucessores;
- em relação com esses dados estratigráficos, análise tipológica exaustiva da cerâmica, por forma a ir circunscrevendo de modo cada vez mais preciso os seus tipos gerais e locais, e assim chegar, eventualmente, ao isolamento de fácies regionais.

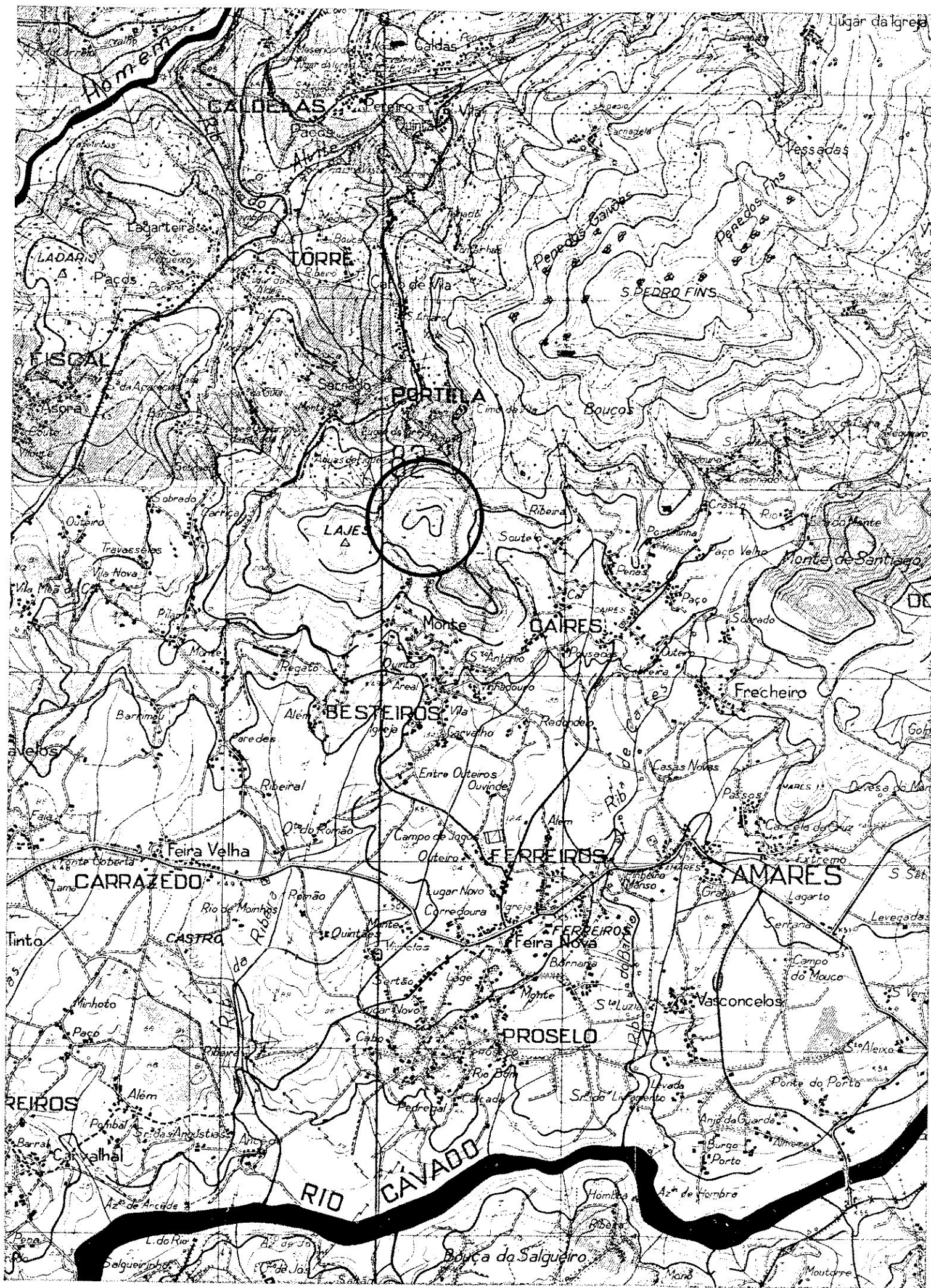


FIG. 1 — Localização de Chã do Castro na «Carta Militar de Portugal» na escala de 1/25 000.

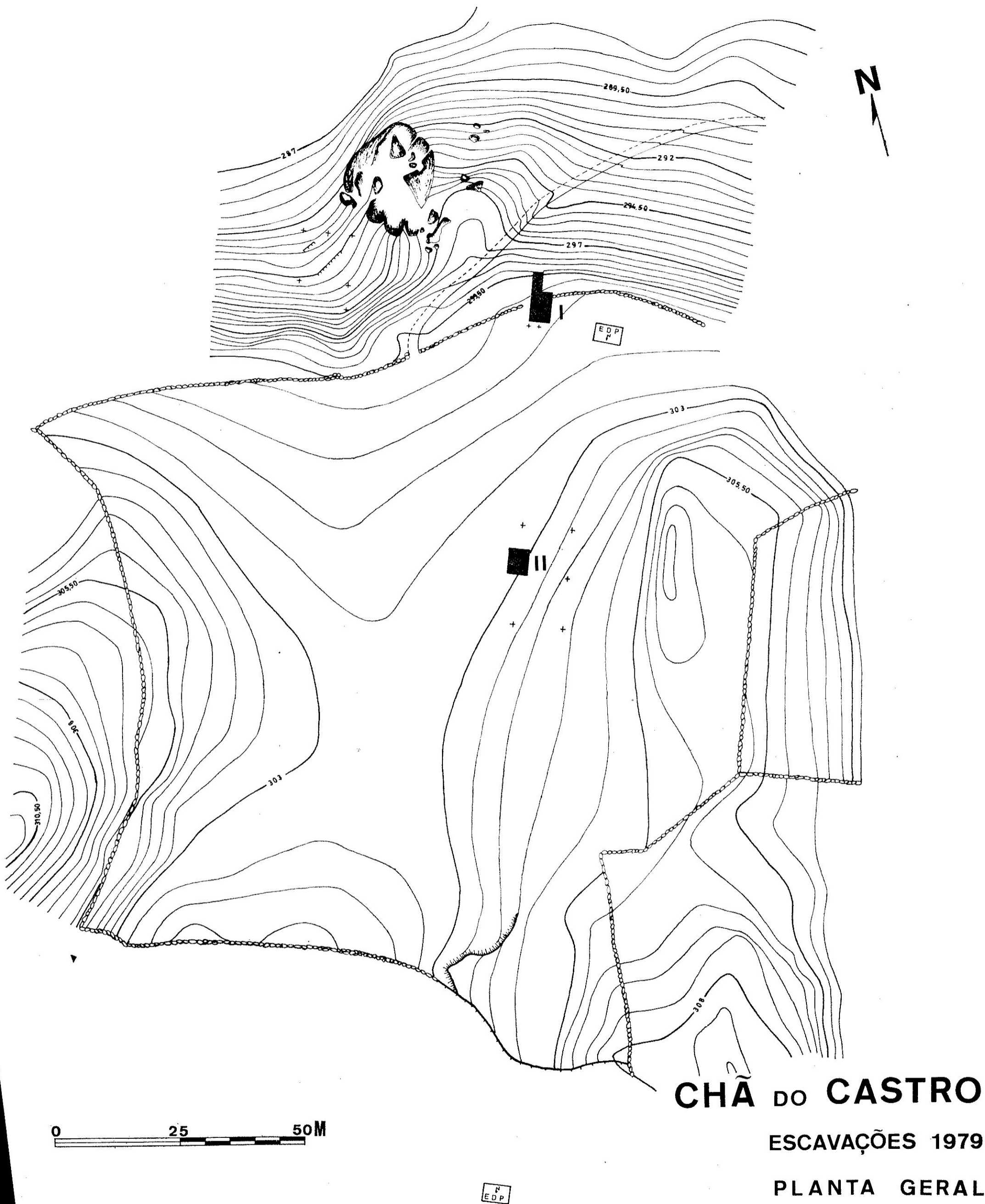


FIG. 2—Localização das áreas escavadas no topo da elevação de Chã do Castro, na escala de 1/300.

ESCAVAÇÕES 1979 SECTOR I

P L A N T A

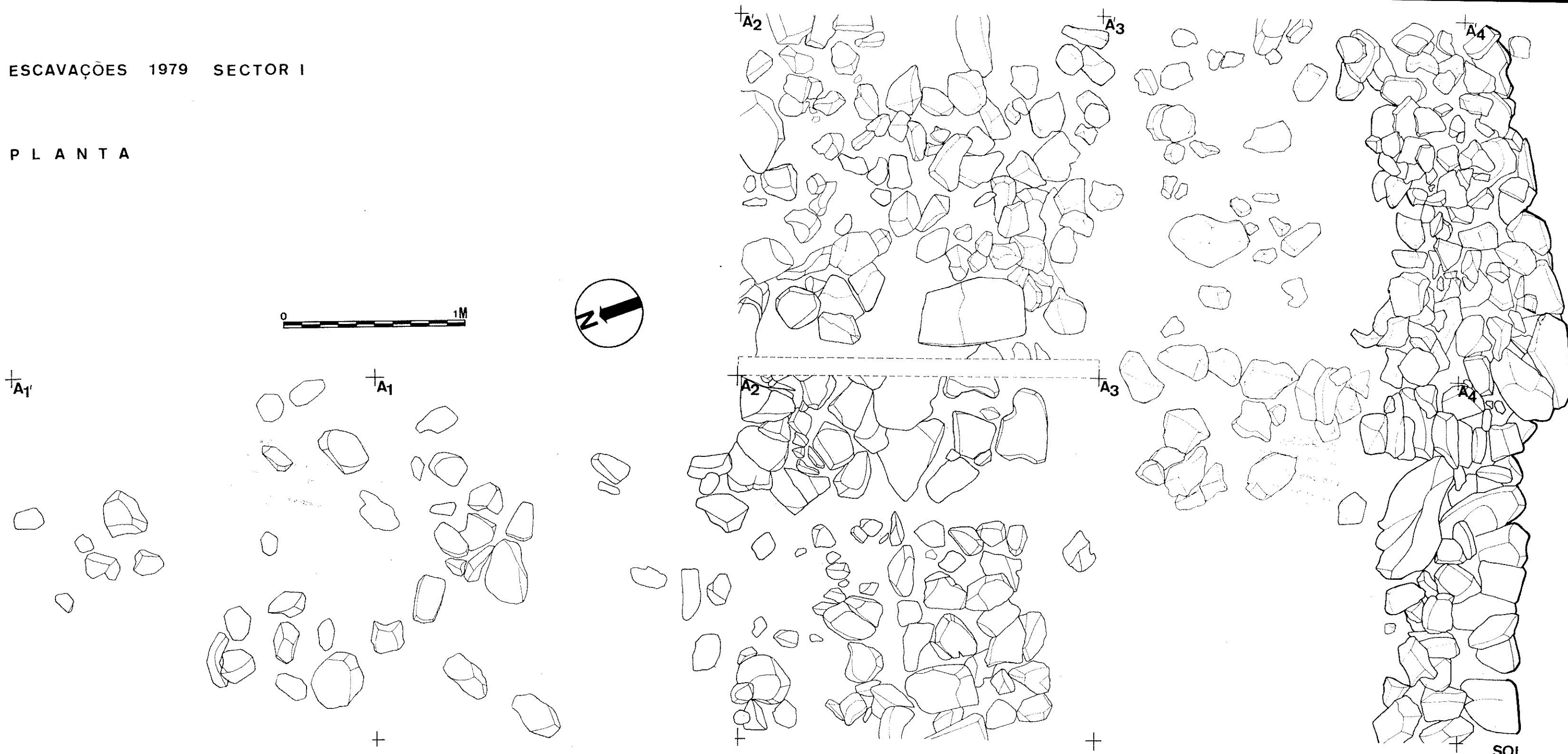


FIG. 3 — Planta da área escavada no Sector I, vendo-se o muro e pedras pertencentes à estrutura do «aterro».

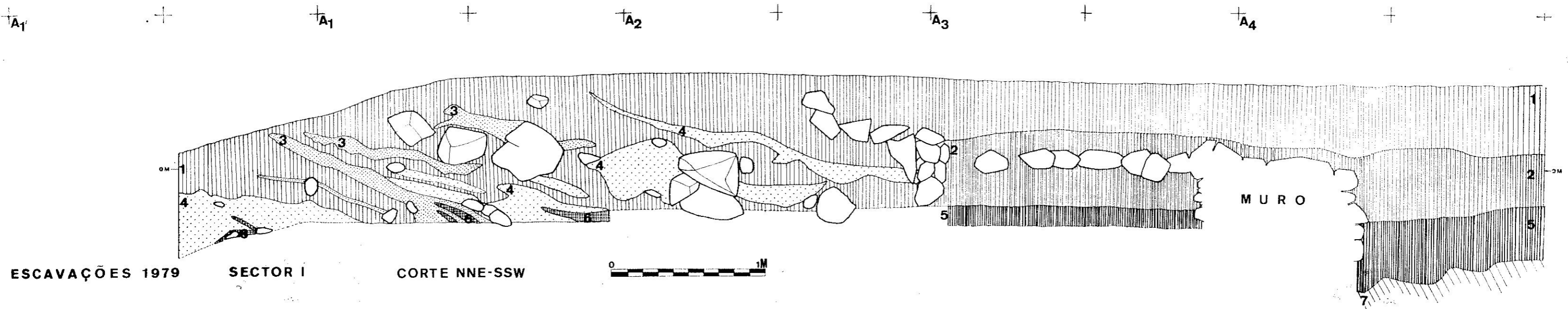
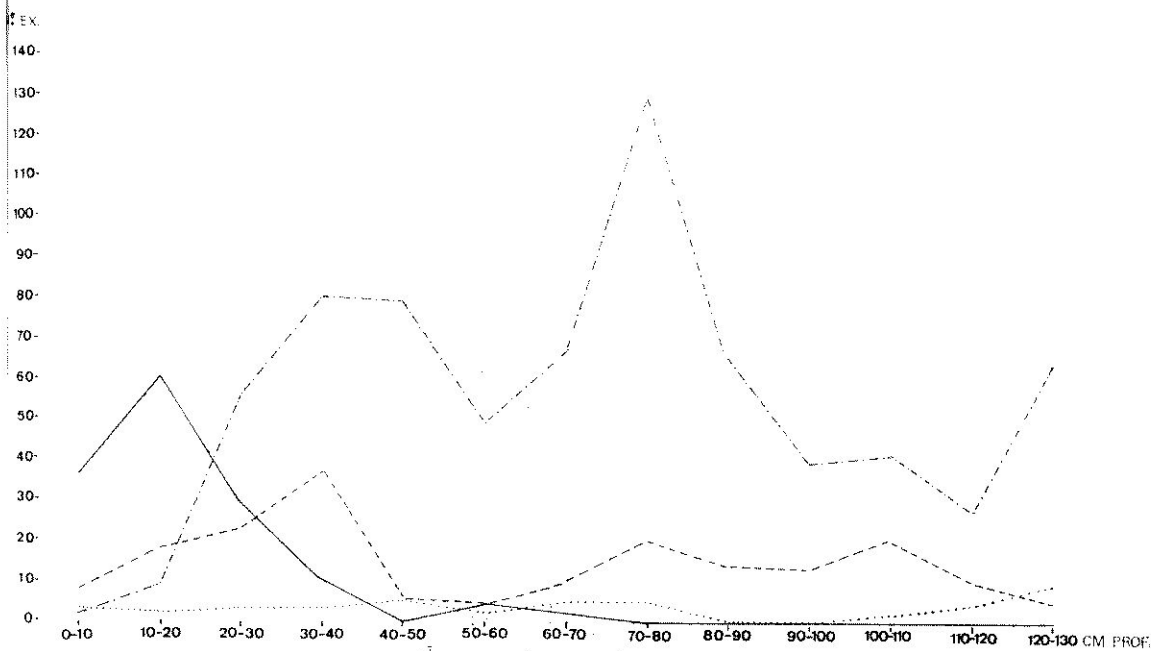


FIG. 4—Sector I: corte NNE-SSW, vendo-se o «aterro», constituído por estratos de terra saibrosa, terra castanha e pedras, e o muro.
 Estratigrafia: c. 1 — terra humosa acastanhada; c. 2 — terra castanho-acinzentada; c. 3 — terra acinzentada saibrosa; c. 4 — terra saibrosa; c. 5 — terra castanho-escura compacta; c. 6 — terra castanho-acinzentada saibrosa; c. 7 — Rocha de base.

A'4



A'3

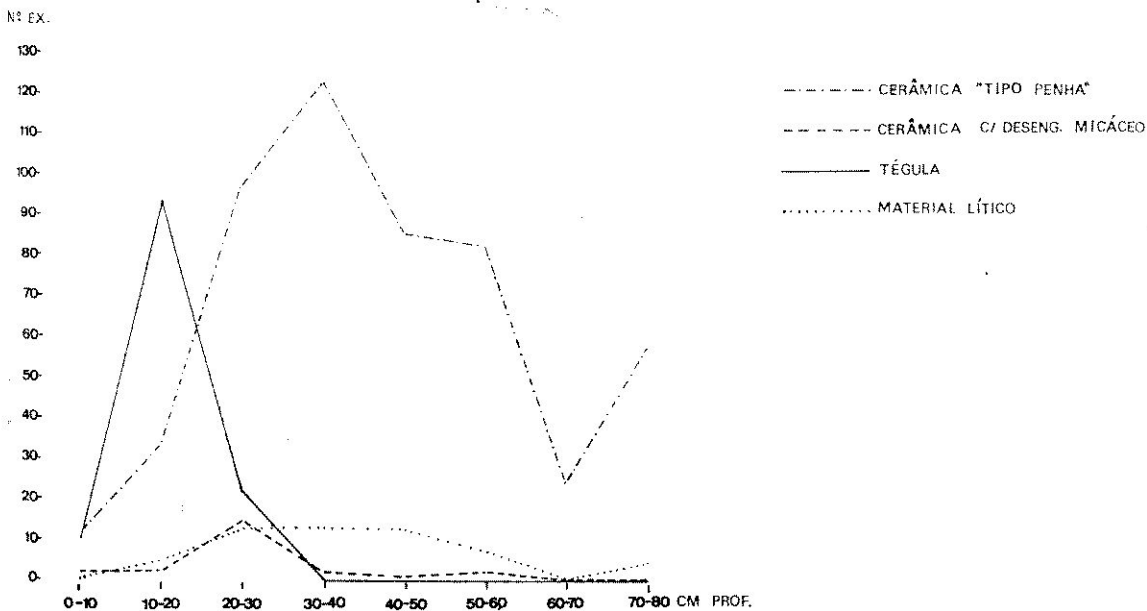


FIG. 6 — Gráficos comparativos exemplificadores das quantidades dos grupos de material encontrados intra-muro (A'4) e extra-muro (A'3).

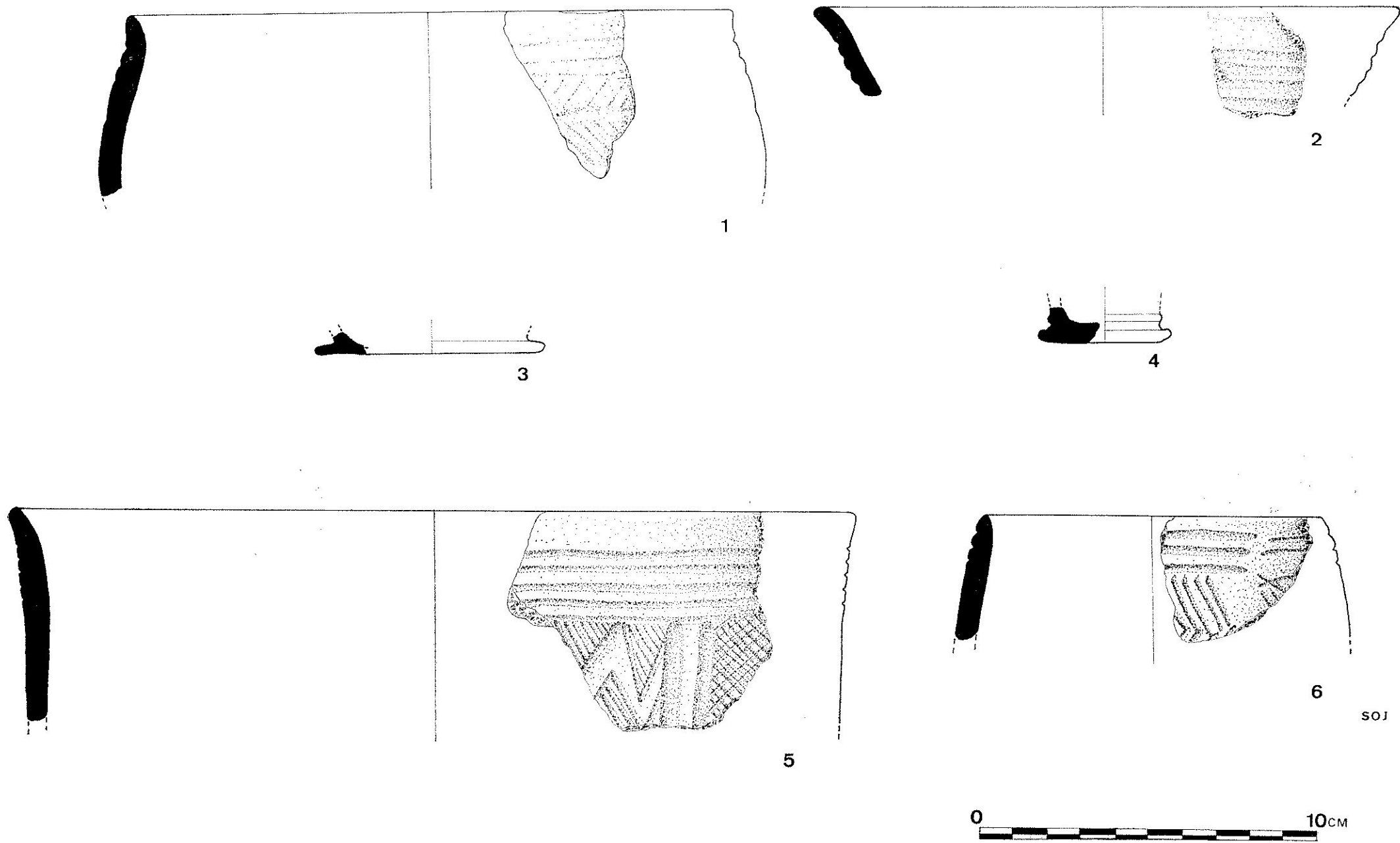


FIG. 7 — Formas cerâmicas de tipo «Penha» encontradas extra-muro, inseridas na estrutura de «aterro».

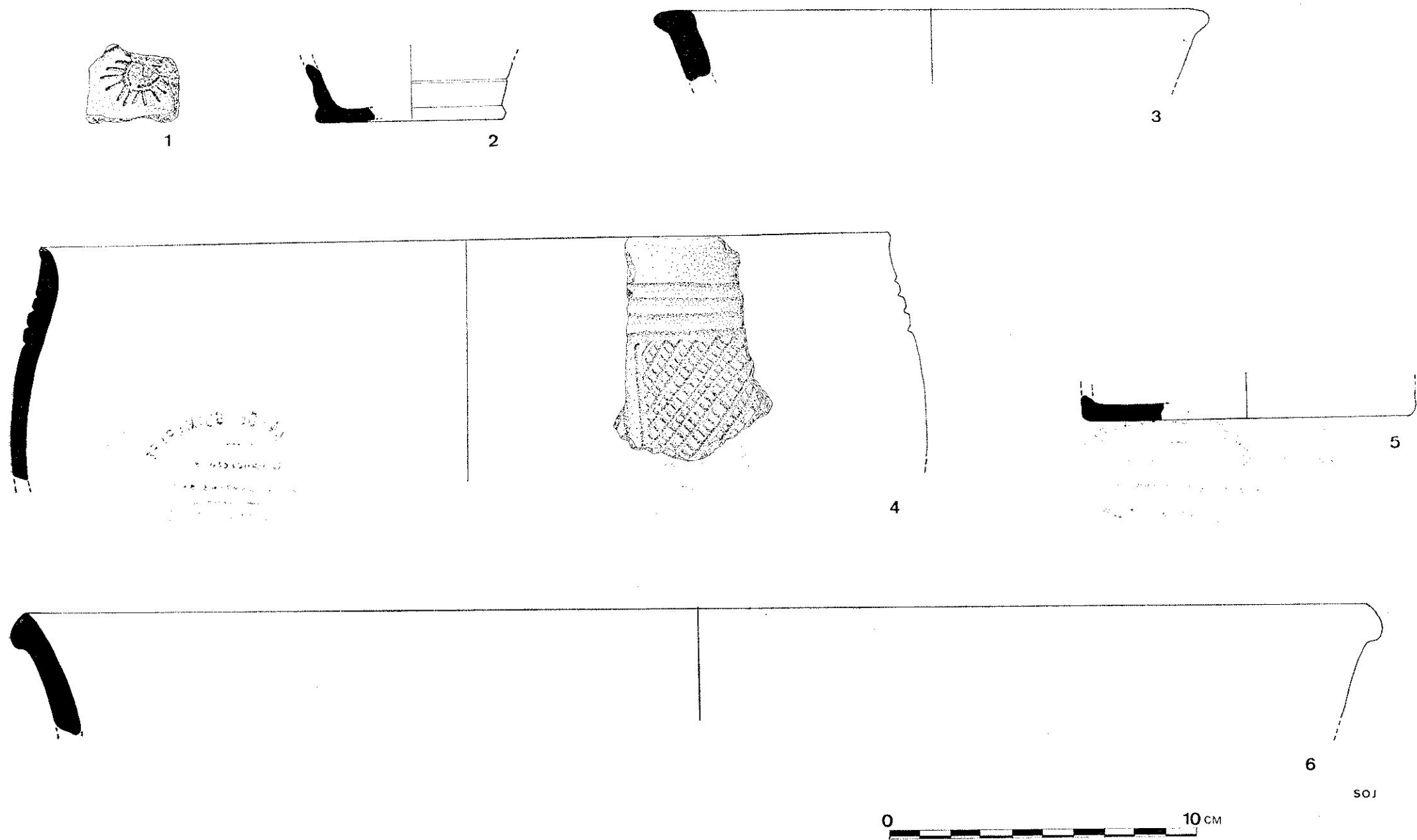


FIG. 8 — Recipientes cerâmicos do tipo «Penha» (n.ºs 1, 2, 4) encontrados extra-muro e formas de cerâmica micácea (n.ºs 3, 5, 6) encontradas intra-muro.

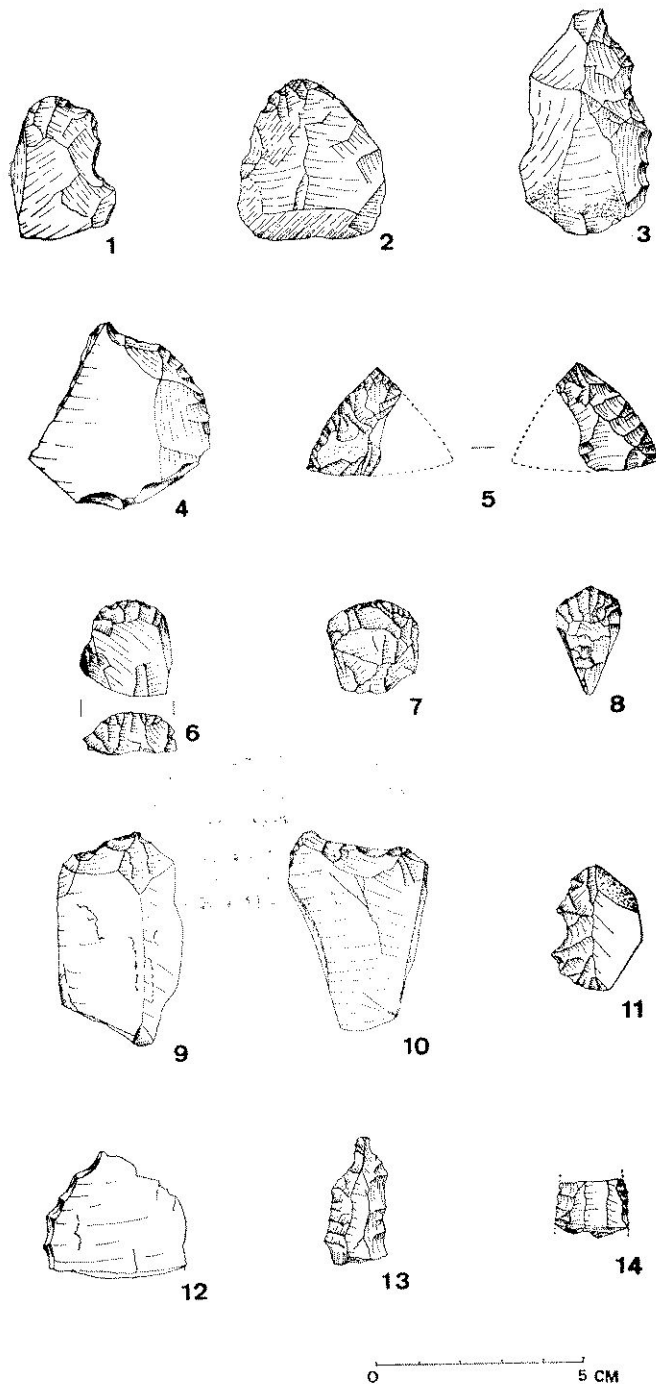


FIG. 9 — Objectos líticos encontrados extra-muro (à ex epção do n.º 11): 1 — raspador lateral com «coche»; 2 — raspador/raspadeira; 3 — raspador lateral; 4 — raspador lateral (fracturado); 5 — raspador convergente (fracturado); 6 — raspadeira dupla; 7, 8, 9, 10 — raspadeiras; 11, 12 — denticulados; 13 — furador; 14 — fragmento de lâmina